

Filme: *O valor de um homem*. **Diretor:** Stéphane Brizé (2015).

ANÁLISE CRÍTICA DO FILME *O VALOR DE UM HOMEM*, DE STÉPHANE BRIZÉ

Critical analysis of the film *The value of a man*, by Stéphane Brizé

Analyse critique du film *La valeur d'un homme*, par Stéphane Brizé

La crítica de la película *El valor de un hombre*, de Stéphane Brizé

Leda Gonçalves Freitas¹

Professora do Programa de Pós Stricto Sensu em Psicologia da Universidade Católica de Brasília. Pós-doutorado em Psicossociologia (CNAM), Doutora em Psicologia Social e do Trabalho, Mestre em Educação. Atua nas linhas de pesquisa "Cultura contemporânea e relações humanas" e "Desenvolvimento humano em contextos educacionais". Pesquisas na área de trabalho e mobilização subjetiva, escuta qualificada do sofrimento no trabalho, processos de ensinar e aprender e diversidades e direitos humanos

Ricardo Mariz²

Doutor em Sociologia, Mestre em Educação e Pedagogo. Coordenador da Área de Missão e Gestão da UMBRASIL. Membro do Grupo de Pesquisa Diálogos em Sociologia Clínica da Universidade de Brasília. Idealizador do Canal Esquina do Pensamento e Conselheiro do Movimento de Educação de Base da CNBB. Atuou na docência e gestão da Educação Básica, foi Pró-reitor de Graduação, Pró-reitor de Extensão e Reitor "pro-tempore" da Universidade Católica de Brasília. Foi membro da Comissão de Justiça e Paz de Brasília e vice-presidente do Fórum Nacional de Pró-reitores

Paulo Cesar Chagas³

Professor de graduação no Centro Universitário UDF, doutor em Psicologia, mestre em Ciências Contábeis. Pesquisas na área de: Trabalho; Risco Operacional; e Sofrimento no Trabalho.

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise do filme *O valor de um homem*, do diretor Stéphane Brizé, 2015. A obra cinematográfica desenvolve-se em um contexto da nova materialidade do capital, circunscrito na redução de trabalhadores estáveis e formais, cujo pano de fundo é a dominação capitalista na sua fase financeira global, em que a rentabilização da empresa é mais importante que o próprio sujeito que trabalha. Assim, num primeiro momento, são apontadas as andanças de Thierry, o protagonista do filme, desempregado, aos 51 anos e com uma família para cuidar, à procura de um emprego. Thierry, mesmo na condição de desempregado, busca agir eticamente e confia que, por meio de formação, de estágios e de participação em entrevistas, o emprego virá. Nesta trajetória, as dificuldades se acumulam e a devastação do SER ser humano se revela nas filas de empregos, nos convidando a pensar na deriva que vivem os trabalhadores desempregados. Na segunda parte do filme, o foco se volta para o emprego de vigilante em uma loja de departamento que Thierry conseguiu. Aqui, o dilema moral do personagem é o centro da narrativa. Com as tarefas de vigiar clientes e funcionários da loja, Thierry o tempo todo aparece em uma "salinha", acompanhado por outro funcionário, realizando interrogatórios sobre possíveis "roubos" de objetos da loja. Em sua moral-ética, Thierry está sempre constrangido, mas a sobrevivência o conduz a se submeter às práticas de gestão que visam garantir a "lei do mercado", qual seja, o lucro exacerbado das corporações capitalistas na era da sociedade do consumo e civilização do capital.

Palavras-chave: Capitalismo neoliberal; Desemprego; Novas práticas de gestão.

¹ ledag@ucb.br

² marizricardo@gmail.com

³ pchagas2009@gmail.com

Abstract

This work presents an analysis of the film *The value of a man*, of the director Stéphane Brizé, 2015. The cinematographic work develops in a context of the new materiality of the capital, circumscribed in the reduction of stable and formal workers, whose background is the capitalist domination in its global financial phase, where the profitability of the company is more important than the subject who works. Thus, at first, are pointed the wanderings of Thierry, the protagonist of the film, unemployed, at age 51 and with a family to look after, looking for a job. Thierry, even as unemployed, seeks to act ethically and trusts that, through training, internships and participation in interviews, employment will come. In this trajectory, the difficulties accumulate and the devastation of the human being is revealed in the job queues, inviting us to think about the drift of the unemployed workers. In the second part of the film, the focus turns to the job of vigilante in a department store that Thierry has achieved. Here, the moral dilemma of the character is the center of the narrative. With the tasks of keeping an eye on shoppers and shop clerks, Thierry appears in a "sitting room", accompanied by another clerk, interrogating potential "steals" of shop objects. In his morality, Thierry is always embarrassed, but survival leads him to submit to management practices aimed at securing "market law," that is, the exacerbated profits of capitalist corporations in the era of consumer society and civilization of capital.

Keywords: Neoliberal capitalism; Unemployment; New management practices.

Résumé

Ce travail présente une analyse du film *La valeur d'un homme*, du réalisateur Stéphane Brizé, 2015. L'œuvre cinématographique se développe dans un contexte de la nouvelle matérialité de la capitale, circonscrite à la réduction des travailleurs stables et formels, dont le fond est la domination capitaliste dans sa phase financière globale, où la rentabilité de l'entreprise est plus importante que le sujet qui travaille. Ainsi, au début, sont pointés les errances de Thierry, le protagoniste du film, sans emploi, à 51 ans et avec une famille à charge, à la recherche d'un emploi. Thierry, même chômeur, cherche à agir de manière éthique et espère que, grâce à la formation, aux stages et à la participation aux entrevues, l'emploi viendra. Dans cette trajectoire, les difficultés s'accroissent et la dévastation de l'être humain se révèle dans les files d'attente, nous invitant à réfléchir à la dérive des chômeurs. Dans la deuxième partie du film, l'attention se tourne vers le travail de vigilante dans un grand magasin que Thierry a réalisé. Ici, le dilemme moral du personnage est le centre du récit. Avec la tâche de surveiller les acheteurs et les vendeurs, Thierry apparaît dans un «salon», accompagné d'un autre employé, pour interroger les éventuels «vols» d'objets de la boutique. Dans sa moralité, Thierry est toujours embarrassé, mais la survie l'amène à subir des pratiques de gestion visant à sécuriser la «loi du marché», c'est-à-dire les profits exacerbés des sociétés capitalistes à l'ère de la société de consommation et de la civilisation du capital.

Mots-clés: Capitalisme néolibéral; Chômage; Nouvelles pratiques de gestion.

Resumen

Este trabajo presenta un análisis de la película *El valor de un hombre*, del director Stéphane Brizé, 2015. La obra cinematográfica se desarrolla en un contexto de la nueva materialidad del capital, circunscrito en la reducción de trabajadores estables y formales, cuyo telón de fondo es la de la obra dominación capitalista en su fase financiera global, en que la rentabilización de la empresa es más importante que el propio sujeto que trabaja. Así, en un primer momento, se apuntan las andanzas de Thierry, el protagonista de la película, desempleado, a los 51 años y con una familia para cuidar, en busca de un empleo. Thierry, incluso en la condición de desempleado, busca actuar éticamente y confía que, por medio de formación, de pasantías y de participación en entrevistas, el empleo vendrá. En esta trayectoria, las dificultades se acumulan y la devastación del ser humano se revela en las filas de empleos, invitándonos a pensar en la deriva que viven los trabajadores desempleados. En la segunda parte de la película, el foco se centra en el empleo de vigilante en una tienda de departamentos que Thierry consiguió. Aquí, el dilema moral del personaje es el centro de la narrativa. Con las tareas de vigilar a clientes y empleados de la tienda, Thierry todo el tiempo aparece en una "salita", acompañado por otro funcionario, realizando interrogatorios sobre posibles "robos" de objetos de la tienda. En su moral-ética, Thierry está siempre constreñido, pero la supervivencia lo conduce a someterse a las prácticas de gestión que pretenden garantizar la "ley del mercado", es decir, el lucro exacerbado de las corporaciones capitalistas en la era de la sociedad del consumo y civilización del capital.

Palabras clave: Capitalismo neoliberal; El desempleo; Nuevas prácticas de gestión.

O filme *O valor de um homem*, título original *La loi du marché*, do diretor francês Stéphane Brizé, 2015, conta a história de Thierry, interpretado por Vincent Lindon, um desempregado, casado e pai de uma criança com deficiência, inserido no contexto da nova materialidade do capital circunscrito na redução de trabalhadores estáveis e formais, no aumento do trabalho terceirizado e no aumento da exclusão de jovens, idosos, imigrantes e negros no trabalho formal (Antunes & Alves, 2004).

Desta maneira, o tema do filme que passa na França é o desemprego de um trabalhador com mais de 50 anos, a carência de resistências coletivas e, ao mesmo tempo, a luta de um homem para afirmar a sua identidade e dignidade numa conjuntura que vem desaparecendo o imaginário de emancipação social contra a dominação capitalista na sua fase financeira global que corrói a soberania dos Estados, aumenta a concentração de renda e degrada os direitos sociais e as relações de solidariedade e reciprocidade cidadã, na acepção de Boaventura de Sousa Santos (2016).

A conjuntura política e econômica enfrentada pelo desempregado Thierry situa-se nas consequências da crise econômica de 2008, que trouxe para a Europa, em meio à voracidade dos mercados globais, a retração do estado de bem-estar. Assim, o aumento de desempregados e a redução de direitos dos trabalhadores por meio da ascensão de uma economia construída na lógica mercantil e na evasão de valores de solidariedade e de cooperação deixam os trabalhadores à deriva (Santos, 2011).

O filme inicia com Thierry dialogando com um funcionário que se ocupa em realocar desempregados em novos postos de trabalho. O protagonista questiona a realização de um estágio de quatro meses na área de construção civil que, ao final, não fora contratado porque a empresa alegou falta de experiência na área. Thierry, de forma educada e calma, apesar de tudo, diz ao funcionário que deveria ter

mais respeito pelas pessoas, pois realizar um estágio numa área que jamais será contratado é perda de tempo. Assim, em suas andanças para conseguir um emprego e cuidar de sua família, Thierry age eticamente confiando que, por meio de formação, estágios e participação em entrevistas, o emprego virá.

À deriva, vive Thierry, dia a dia no enfrentamento do desemprego. Na terceira cena do filme vemos o protagonista com outros trabalhadores, também demitidos, conversando sobre como entrar com um processo para “ferrar os carrascos” que os deixaram sem emprego. Neste momento, percebe-se que os trabalhadores atuavam em uma fábrica que fora fechada e mais de 700 trabalhadores perderam os seus postos de trabalho. A devastação do SER ser humano desses trabalhadores é revelada nesse momento. Por um lado, um grupo quer continuar a luta contra os carrascos, por outro, encontramos um Thierry sem vontades, sem esperança alguma. Para ele, entrar com processo contra a empresa é reviver tudo isso; ele quer deixar essa luta de lado e seguir em frente em nome de manter sua saúde mental.

Segundo Santos (2016), em tempos de capitalismo neoliberal, do império do mercado e do feitiço das mercadorias, a busca solitária pela sobrevivência, o cansaço, a ideologia do indivíduo empresa desertificam a reciprocidade cidadã. Esta requer outra dinâmica social, em que as pessoas tenham valores e não preços e que o sentido comum do viver junto e do tramar por uma ética, que desmercantiliza as relações sociais, precisa se fortalecer. Sem isto, o planeta jamais terá tranquilidade, como afirma Dowbor (2017). O autor assegura que a economia mundial está organizada para atender 1/3 da população, ou seja, desde 2015 que o 1% mais rico detém mais riqueza que o resto das pessoas deste imenso planeta.

Em sua busca cotidiana por trabalho, na quarta cena do filme, aparece Thierry em casa de frente para o computador se preparando para uma entrevista via *Skype*.

O ator, com seu caderno, um pouco ansioso, aguarda a chamada do entrevistador. Quando este o chama, agradece a disponibilidade, mas, imediatamente, pergunta se ele consegue operar um certo tipo de máquina que está na versão 8. Thierry diz que só tem experiência com a 7, pois foi a máquina que trabalhou quando ainda estava empregado. Em seguida, o entrevistador questiona o currículo do candidato e afirma que está mal escrito e pergunta se ele tem flexibilidade de horário. Thierry, o tempo todo, é gentil, subsumido para ter uma performance que venha garantir uma ocupação. Por fim, o entrevistador diz que Thierry tem poucas chances. O personagem agradece, educadamente, e a entrevista termina.

O filme expõe a vontade de um trabalhador desempregado, aos 51 anos, de conseguir uma oportunidade no mercado de trabalho, num cenário de capitalismo neoliberal, de devassidão da pessoa que vive do seu trabalho. O capitalismo, na sua dimensão financista, as corporações transnacionais operam em escala mundial, minam os governos e nações quanto à regulação do capital, ao mesmo tempo que desacredita a política e a democracia como formas de arruinar a luta social e deslegitimar os campos políticos que gestam o pensamento crítico de não naturalização do capitalismo (Santos, 2016). Assim, Thierry, como milhões de trabalhadores, acredita que em sua jornada individual conseguirá superar o desemprego e cumprir com as suas tarefas de cuidar da sua família.

Além da narrativa do desemprego no âmbito do capitalismo neoliberal flexível, a beleza do filme está na luta ética de Thierry para garantir a sua vida, os seus sonhos, que são os da família. Na sétima cena, novamente, aparece o personagem em combate com a burocracia estatal pelos seus direitos humanos. Nesta cena, Thierry dialoga com uma burocrata escolar sobre o futuro do filho. O ator mostra o interesse do filho por uma certa escola e as dificuldades para custear este processo. A burocrata

sugere que ele venda a casa, uma vez que a situação da família é precária. Thierry, o tempo todo, se afirma, diz que não vai vender a casa e que sabe da sua situação. Aqui, novamente, a lógica é individual, se está sozinho no mundo, com quem contar? Mesmo num contexto de uma França ainda com um Estado social, as possibilidades do personagem conseguir garantir boas condições de estudos para o filho deficiente não se apresentam tão satisfatórias.

A narrativa do filme *O valor de um homem* chama a atenção por mostrar a peleja de um ser humano pela sua dignidade, por viver do seu trabalho, por cuidar de sua família. Thierry nos leva a lembrar dos retirantes nordestinos, lindamente representados na obra de Luiz Gonzaga e do poeta Patativa do Assaré, povo sofrido, pela seca e pela opressão da casa grande, sai da sua terra para buscar sobrevivência no Sul. Como nos versos de Patativa do Assaré: “Agora pensando; Ele segue outra tria; Chamando a fãmia; Começa a dizer: Meu Deus, meus Deus; (...) Eu vendo meu burro, meus jegue e o cavalo; Nós vamos a São Paulo; Viver ou Morrer: Ai, ai, ai. (...); Que a coisa tá feia, por terras alheia, nós vamos vagar (...)”

Sempre em frente, não há outro jeito. Aqui, fala mais forte o que Spinoza (2013), em sua filosofia da liberdade, chama de potência. O ser humano é afetado de muitas maneiras, de modo que a sua potência de agir pode aumentar ou diminuir. Para o filósofo, algumas vezes a mente age, em outras padece, ao passo que ideias adequadas conduz à ação, ideias inadequadas produzem o padecer. Assim, Thierry e os retirantes nordestinos se esforçam, numa compreensão spinosiana, por perseverarem-se em seu ser, na sua essência. Isso é visível na jornada de Thierry por trabalho, pela sua dignidade, mesmo diante de um contexto tão desfavorável e degradante da condição humana.

E o filme segue, na cena de número nove, Thierry aparece em um vídeo no qual é entrevistado. Logo, surge uma reunião

com vários trabalhadores num curso de formação sobre como se preparar para uma entrevista. O condutor do curso, após desfocar no vídeo, começa a analisar o comportamento de Thierry na entrevista. Vários pontos são analisados: postura corporal, roupa, imagem não verbal, simpatia, presença dedicada na entrevista, passar boa impressão, entre outros aspectos. Os participantes conduzidos por uma voz, já que a filmagem é centrada no rosto de Thierry, analisam o desempenho do ator na entrevista de emprego. Thierry, obviamente, é vigorosamente criticado pelos demais: “Thierry está afundado na cadeira”; “roupa informal”; “não falaria com Thierry”, por conta do seu jeito.

Na moralidade imoral do capitalismo neoliberal, os embustes emergem na sociedade distópica, sem esperança, corrompida e autocrática. Treinar desempregados para entrevistas de emprego, em que cada dia mais os empregos somem e se precarizam, não passa de uma quimera. No entanto, a hombridade de Thierry de não desistir de lutar por seu lugar neste mundo e de cuidar de sua família o leva a aceitar ser avaliado, em sua maioria por jovens, e ainda concordar com os absurdos apresentados sobre o seu comportamento na entrevista.

Enfim, na cena onze, surge Thierry de paletó, gravata, crachá e caminhando, de forma atenta, em uma grande loja de departamento. Conseguiu um emprego, afinal. Efetivamente, começa agora o dilema moral de Thierry. Com o semblante mais alegre, um sorriso no canto da boca, Thierry caminha vigilante pela grande loja. Por um instante, recebe um chamado pelo rádio comunicador. A voz do outro lado solicita que o vigilante Thierry se dirija ao corredor e veja um indivíduo de jaqueta de couro e camisa azul. Em seguida, a cena se compõe de Thierry, o indivíduo de jaqueta e uma voz exigindo que o documento de identidade seja apresentado. O indivíduo de jaqueta é um imigrante, provavelmente do norte da África, um jovem. A voz pede para que os bolsos sejam esvaziados. O jovem

reluta, mas retira dos bolsos um celular e um carregador. A voz feminina pega o carregador e diz que este é da “nossa loja”. Ao concordar em pagar o carregador, o jovem solicita que seja tratado como cliente, pois “cliente é rei”. A câmara sempre focada em Thierry e no jovem mostra o protagonista constrangido. Sua intervenção, no decorrer do referido evento, é somente a de pedir mais educação ao jovem e dizer que deseja que o problema seja resolvido com calma.

A narrativa do filme continua a desvelar as consequências sociais do capitalismo neoliberal. Os jovens de todos os cantos do mundo reverenciam essas tecnologias mais recentes as quais estão sintetizadas nos celulares. Para ter esse objeto, tudo se faz, vale passar por qualquer risco. Ao mesmo tempo, o jovem é um imigrante do norte da África, e, certamente, sofre racismo, hoje, na Europa. Thierry, em sua moral-ética, demonstra-se constrangido, é educado, trata o jovem como ser humano, mas precisa se submeter a um emprego de segurança que tem a função básica de proteger o patrimônio dos oligopólios atuais. Destaca-se que a área de segurança, seja privada ou pública, está entre os ramos da economia que mais cresce em ofertas de vagas de emprego em vários países capitalistas da atualidade.

Como expressa Santos (2016), a luta anticapitalista está muito mais árdua. Este sistema econômico é, hoje, muito mais que mera produção, tornou-se um “modo de vida”. Como tal, o capitalismo neoliberal passou a ser hegemônico no âmbito imaginário/cultural e, portanto, está incutido nas subjetividades contemporâneas. Está naturalizado. Logo, nosso protagonista busca ter uma atitude ética frente a luta pela sobrevivência. No entanto, Thierry, a voz feminina, uma trabalhadora que fala grosso para ter de volta o carregador da “nossa empresa”, bem como o jovem imigrante que rouba a ferramenta, estão todos integrados simbolicamente e culturalmente à naturalização deste modo de produção.

Na sequência do filme, o diretor Stéphane Brizé, com uma escuta intimista da realidade do mercado de trabalho contemporâneo, continua a expor o dilema moral de Thierry no seu emprego de vigilante. Na cena quinze, o diretor leva o espectador a ver com sua câmera um Thierry engajado em aprender a observar as 80 câmeras instaladas na loja. Um outro trabalhador ensina Thierry como acompanhar os clientes por meios das inúmeras câmeras. Explica, por exemplo, que a câmera 18 registra o trabalho das operadoras de caixa, em razão de o gerente está na busca para aumentar os rendimentos da loja. Para tanto, o gerente considera que os pedidos de aposentadorias estão baixos e pretende, portanto, realizar demissões. Por isso, Thierry precisa ter atenção ao trabalho das operadoras de caixas e observar se elas não estão passando produtos sem serem registrados.

O filme de Stéphane Brizé exhibe a crueldade das práticas de controle da força de trabalho nas organizações contemporâneas, com a finalidade de elevar cada vez mais e mais o lucro das corporações, ou seja, garantir “a lei do mercado”. Thierry, logo após vivenciar a humilhação do desemprego, deve, agora, confrontar-se com o vexame de um posto de trabalho de vigilante que não tem nada a ver com a sua história profissional. Além de monitorar clientes, por meio de câmeras, e de andar pela loja vigiando a todos, deve, também, espionar os demais funcionários.

Em tempos do capital enquanto uma civilização, o filme mostra a perversidade de um sistema econômico que explora e submete às práticas de gestão, um pai de família que busca dar conta de suas obrigações. Nota-se, nesta obra cinematográfica, o esforço criativo do diretor Brizé de apresentar um homem comum esmagado por um sistema que degrada a condição humana. Tanto é que a câmara do diretor leva o espectador a penetrar na verdade do protagonista. Brizé foca sempre na fisionomia do personagem, seu olhar, gestos, portanto, na delimitação do

seu mundo. Mundo este que deseja manter a dignidade e cuidar de sua família.

Até quando Thierry irá tolerar essa situação? As cenas seguintes do filme retratam o mal-estar de Thierry em seu emprego como vigilante. Na décima oitava cena tem-se, novamente, o protagonista se dirigindo à salinha para interrogar pessoas que “roubam” da loja. A pessoa da vez é um homem com mais de 60 anos que é questionado se ele sabe por que está naquele lugar. Ele diz que não sabe. Em seguida, um outro vigilante informa que ele deixou de pagar um produto que está em seu bolso. A princípio, o senhor nega, mas, ao esvaziar os bolsos o vigilante recolhe dois pequenos pacotes de carnes. Thierry, constrangido, tanto quanto o senhor, diz que se ele pagar, a situação morre ali mesmo. O senhor diz que não tem dinheiro para pagar o produto, nem em casa, nem em outro lugar. O valor das carnes é de 15,75 euros. Se não tem como pagar, o jeito é chamar a polícia.

Outra vez, na salinha de interrogatórios dos vigilantes, o filme continua a mostrar o dilema moral de Thierry nesta nova ocupação. Agora, a interrogada é uma funcionária, chamada Anselmi, filmada e denunciada por recolher os cupons de descontos, os quais deveriam ir para a lixeira. O gerente, de forma categórica, diz que isso é fraude, é roubo que não há nenhum acordo. A apreensão de Anselmi e Thierry é mostrada com a câmara focada em seus rostos.

Um pouco mais adiante, a cena é uma reunião dos funcionários, com a presença do gerente e do diretor da empresa, na área de RH. O gerente, sem palavras, imediatamente passa para o diretor de RH fazer a sua exposição. Este, começa a relatar que a Sra. Anselmi se matou no local de trabalho. Ela é elogiada, boa funcionária, trabalhava há mais de 20 anos. O discurso do RH é direto, afirma que: “ninguém deve se sentir culpado pelo ato dela (...). Ela não trabalhava mais na empresa. A vida dela não era só o trabalho. Ninguém deve se sentir responsável por nada. Ela tinha um filho que se drogava e tinha problemas

financeiros”. No decorrer de toda essa verbalização, o foco é o cinismo do diretor de RH e o constrangimento de Thierry com o seu trabalho de vigilante.

Para Dejours & Bègue (2010), o suicídio no trabalho surge, entre outras razões, por conta da desestruturação dos coletivos de trabalho, da solidão do trabalhador contemporâneo, dos privilégios conferidos à gestão e do reconhecimento no trabalho desestabilizado pela gestão. No filme em questão, a desfaçatez do diretor de RH em culpabilizar a vítima, e ao mesmo tempo elaborar um discurso de que os colegas de trabalho não são os responsáveis, é desmesurada e demonstra o valor da gestão em detrimento do trabalho. As pessoas estão sós, a mercê de si mesmas, à deriva.

E o filme caminha para terminar. A cena que leva Thierry a sair no horário de trabalho e, pelo jeito, não mais voltar, é de novo na salinha e, agora, o interrogatório ocorre com uma funcionária que é filmada e denunciada por passar o cartão de fidelidade dela em compras dos clientes. O diálogo é lamentável, desolador. Ela diz: “são pontos, eu não roubei nada (...). Vão me denunciar por causa de um cartão de fidelidade?” Por um tempo, ficam na sala apenas a funcionária e Thierry. Os dois funcionários, trabalhadores, em suas lutas para sobreviver nesta era de capitalismo global estão humilhados, derrotados, cabeças baixas.

O mundo do trabalho enfrenta, hoje, a moral da rentabilização. O mantra no campo do trabalho é: fazer mais, com menos, em menos tempo (Gaulejac, 2007). Para tanto, quantifica-se tudo, como: nossas horas de trabalho, os instrumentos de trabalho, o tempo de produção, o tempo de vida dos produtos (para entrada dos novos produtos) e, mais ainda, controla-se os corpos e a subjetividade dos sujeitos que trabalham.

Para ampliar a rentabilização da vida, encontramos duas lógicas: a lógica disciplinar já tradicional no campo do trabalho e, ainda, muito presente; e a lógica

gerencialista (Gaulejac, 2007). Nesta lógica, o controle é mais sutil e bem mais rentável – não interessa controlar o corpo, a presença, mas o desejo. O trabalhador que vende a sua força de trabalho é convidado a fazer voo solo; é chamado a se vender, o tempo todo, para se manter no mercado, vivencia o individualismo negativo, num cenário de esvaziamento do coletivo e das saídas pessoais (Castel, 1998).

Desse jeito, o sujeito que trabalha carrega o mundo nas costas. Na dinâmica capitalista contemporânea, o rentável e produtivo é tornar os sujeitos vulneráveis, sem filiações porque rende mais, produz mais e se submete mais, como afirma Castel (1998). Thierry está fragmentado, sozinho, porém, quer ter o seu trabalho e dignamente cuidar da sua família, mas, no modelo de gestão gerencialista, a naturalização das práticas de controle na organização apresenta-se como algo vivo que existe independente das pessoas que nela trabalha. O protagonista vai embora, não quer voltar mais para esse emprego, há um limite, chega!

Thierry em seu dilema de desempregado buscou dignamente um lugar no mundo do trabalho, encontrou apenas um emprego distante das suas habilidades. Ele foi em frente, porque fala mais alto a sua vida, a sua história com as pessoas que ama, a sobrevivência. Perplexo, constrangido, sozinho, mas com a potência da vida, tentou, até quando foi possível, manter-se naquele trabalho, mas a sua integridade ousou mais. Foi imprudentemente lúcido.

Os desafios do atual mundo do trabalho são complexos. As sujeições e o individualismo no seu modo negativo governam as relações sociais deste âmbito da vida pública. Todavia, há de manter a arteficialidade da construção das resistências com olhar para a emancipação, uma vez que o discurso que reina em tempos de capitalismo neoliberal, de fatalidade e desesperança, despotencializa os sujeitos e refreia as possibilidades de tramar outras formas de viver nesse planeta. Mesmo solitário, Thierry, um retirante, continua a

buscar e não é rendido completamente aos modernos controle do trabalho contemporâneo. Há perspectivas, pois há vida humana e há alegrias. Esta é uma chama para produzir outras interações sociais (Freitas, 2011).

Referências

- Antunes, R., & Alves, G. (2004). As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. In: *Revista Educação & Sociedade*, Campinas, 25 (87), p. 335-351.
- Brizé, S. (Diretor). (2015). *O valor de um homem* [DVD]. França. Castel, Robert. (1998). *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, Vozes.
- Dejours C, & Bègue F. (2010). *Suicídio e trabalho: o que fazer?* Sobradinho-DF: Paralelo 15.
- Dowbor, L. (2017). *A era do capital improdutivo: por que oito famílias tem mais riqueza do que a metade da população do mundo?* São Paulo: Autonomia Literária
- Freitas, L. G. (2011). Assujeitamentos nas organizações: qual espaço para mobilização subjetiva? In: M. C. Ferreira (et al.). *Dominação e resistência no contexto trabalho-saúde*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.
- Gaulejac, Vincent de. (2007). *Gestão como doença social, ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. (I. Storniolo, trad.). Aparecida, SP: Ideias & Letras. 338 p. ISBN: 978-85-98239-97-2.
- Harvey, David. (2011). *O enigma do capital: e as crises do capitalismo*. São Paulo: Boitempo.
- Santos, B. S. (2011). *Portugal: ensaio contra a autoflagelação*. São Paulo: Cortez.
- Santos, B. S. (2016). *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*. São Paulo: Boitempo.
- Spinoza, Benedictus de. (2013). *Ética*. (3a ed., T. Tadeu, trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Data de Submissão: 08/02/2018

Data de Aceite: 26/02/2018